

S Á B A D O , 2 1 D E N O V E M B R O D E 2 0 0 9

BIOGRAFIA DE CLARICE LISPECTOR DE AUTORIA DO NORTE-AMERICANO BENJAMIN MOSER TRAÇA O MAIS COMPLETO PAINEL DA VIDA E OBRA DA CRIADORA DE *A HORA DA ESTRELA*. AUTOR DEFENDE IMPORTÂNCIA UNIVERSAL DA LITERATURA DA ESCRITORA



BLUMA WAINER/IMPRESA OFICIAL SP

MERGULHO NA ALMA

João Paulo

larice. Por indicação do autor, lê-se: *Clarice virgula*. Trata-se da mais ampla, compreensiva e apaixonada biografia da escritora Clarice Lispector já publicada. Que tenha sido composta por um jovem escritor norte-americano, Benjamin Moser, nascido em Houston, em 1976, é motivo de espanto e, de certa maneira, de vergonha para os brasileiros. Além de ter a “alma formada”, como pedia Clarice aos seus leitores, Benjamin parece ter seguido outra lição dada por um crítico: para ler Clarice é preciso ser Clarice. São quase 650 páginas de um trabalho que recebeu críticas favoráveis nos EUA (onde foi publicado em agosto) e, o que é mais importante, tem criado uma aproximação do leitor americano com a obra da escritora, até então com razoável penetração na cultura francesa, onde foi lida a partir dos anos 1970 como um dos exemplos do que então se chamava de “escrita feminina”.

A vírgula do título dá a entender que há muita história a ser contada. Mais que isso, que não é possível se esgotar uma vida em palavras. O biógrafo avança em relação a outros trabalhos sobre Clarice Lispector em razão de três características: a capacidade de articular vida e obra de forma orgânica, sem que uma seja resultado ou explicação da outra, mas com força interna que condiciona mutuamente os dois universos; a pesquisa ampla e profunda sobre todos os momentos da vida da escritora, com direito a viagens à Ucrânia, onde Clarice nasceu e viveu seus primeiros meses, revelando fatos desconhecidos que impressionam pela carga de sofrimento que jogam sobre a menina, jovem e mulher; e, por fim, o destaque dado ao judaísmo na compreensão da escrita e visão de mundo da romancista. Esses aspectos se mesclam para formar uma visão única, tratada em prosa elegante, com ética que permite ir a temas sensíveis e pessoais (como relacionamentos amorosos e a doença do filho mais velho, Pedro) sem qualquer traço de avanço abusivo sobre a intimidade da escritora. É um livro de quem ama seu personagem, mas que, sobretudo, quer revelar o sentido da paixão.

Há ainda outras vantagens que advêm do fato de o biógrafo ser estrangeiro. Como há nítida preocupação em revelar a grande escritora, na avaliação de Benjamin Moser das maiores do século 20, tudo é feito para dar ao leitor de língua inglesa a visão mais profunda do contexto histórico e político do Brasil de seu tempo. Entre 1920 e 1977, a vida de Clarice se dá em diálogo com sua circunstância. O autor, por isso, apresenta boas sínteses da situação social e política brasileira, com informações sobre a literatura do país (do modernismo da Semana de

22 com sua dissidência espiritualista ao regionalismo social das décadas seguintes); explicando as várias etapas do período varguista (da Revolução de 1930 ao suicídio de Vargas, passando pelo fascismo e antissemitismo do Estado Novo); dissecando as origens e efetivação do golpe militar de 1964, inclusive com sua repercussão no cenário cultural; apresentando o incipiente mercado de bens simbólicos do país, com sua imprensa ainda em fase de profissionalização e mercado editorial ideológico (comunista ou católico) e pouco expressivo.

No capítulo das paixões, o biógrafo mostra a ligação de Clarice Lispector com o escritor Lúcio Cardoso, a grande paixão de sua vida, que nunca se consumou. Homossexual, o autor de *Crônica da casa assassinada* era um dos representantes da linha espiritualista à qual a literatura de Clarice costuma ser identificada. Viria dele, inclusive, a apresentação à escritora do texto de James Joyce que inspira o título do romance de estreia de Clarice, *Perto do coração selvagem*. Lúcio era um homem bonito, culto, cheio de energia criativa, sedutor ao extremo. Sua influência perduraria, mesmo depois do fracasso da paixão, até o derrame que o incapacitou. Benjamin Moser, ao apresentar o romancista, lembra sua origem mineira e faz um curioso exercício de psicologia do homem do estado, tido como pão-duro ao ponto de esconder comida na gaveta das mesas para não ter que oferecê-la ao visitante. Ele frisa que se trata de uma piada e lembra ainda que o mineiro não costuma diagnosticar os loucos, preferindo suavizar com o educado termo “sistemático”. O casamento da romancista com o diplomata Maury Gurgel termina quando a escritora, ainda jovem e com dois filhos, se vê frente a outros amores, igualmente frustrados. Como o que a ligou ao poeta Paulo Mendes Campos, casado com uma inglesa, que é levado a escolher entre as duas mulheres e deixa Clarice. Eram, diziam os amigos, iguais em tudo, até na tendência à melancolia.

No entanto, o aspecto mais forte e inovador da biografia de Moser é a identificação da escritora com sua origem judaica. O biógrafo traça a genealogia da família Lispector, retrocedendo ao século 18, conta a violenta história do antissemitismo que varria a região onde viviam, na Ucrânia, e revela a dramática história do pogrom que vitimou a mãe. Estuprada, Mania contrairia a sífilis que a mataria alguns anos depois, já no Brasil, depois de sofrimento intenso e incapacitante. Nascida poucos anos depois, a menina Clarice se julgava responsável pela

recuperação da mãe e sofreu sua morte como uma derrota pessoal. A mudança para o Brasil, com o pai e as irmãs, transporta para o novo país a marca da cultura e o peso da perseguição. Clarice, mesmo pobre, teria educação de qualidade, aprendendo hebraico e iídiche na escola em Recife. O valor da educação está presente na formação das irmãs, que estudam piano e são aprovadas em concursos disputados. Clarice cursaria a Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, fato relativamente raro em seu tempo. Ainda moça, trabalhou em jornais, revistas e em órgãos de imprensa do governo.

O judaísmo, além da valorização do estudo e das profissões intelectuais, se mostraria na visão de mundo e no estilo, que sempre tangenciou a questão do mistério, da fantasia e do sagrado. Moser identifica inspiração mística e influência do pensamento de outro judeu que viveu a experiência de se sentir sempre estrangeiro, o filósofo Espinosa. O pai de Clarice, Pedro Lispector, era um homem culto com talento para a religião e matemática que teve seu destino barrado pela necessidade de cuidar da mulher doente e das filhas pequenas, se entregando a tarefas humildes, como fabricante de sabão e mascate. Elisa Lispector, irmã mais velha de Clarice, também publicaria romances, entre eles *O exílio*, uma autobiografia ficcional do triste périplo da família em direção ao novo país. O que era explicitamente judaico na obra da irmã se mostrava pela sombra na prosa de Clarice. Quanto menos aparecia ligada ao mundo judeu, mais exprimia sua alma.

Mesmo na morte, a ligação de Clarice Lispector com a cultura de seu povo acaba se manifestando. A escritora morreu na noite de 9 de dezembro de 1977. Não pôde ser enterrada no dia seguinte, que era também o de seu aniversário de 57 anos, por ser o *sabá*. Em 11 de dezembro ela foi sepultada, segundo rituais ortodoxos, com leitura de salmos e do kadish, no Cemitério Israelita do Caju, no Rio de Janeiro. Na lápide, o nome original da menina que deixou a pequena Tchechelnik, província ucraniana da Podólia, com poucos meses, ao colo da mãe: Chaya bat Pinkas; Chaya, filha de Pinkas. Chaya, em hebraico, quer dizer vida. O destino de Clarice foi feito da busca impossível pelo sentido da vida. Quando se reencontra com o nome original, ela já se havia se convertido em nada.

CLARICE,

De Benjamin Moser

Editora Cosac & Naify, 648 páginas, R\$ 79

LEIA ENTREVISTA COM BENJAMIN MOSER

PÁGINA 3

“

Ao olhar o retrato eu via o mistério. Não. Vou perder o resto do medo do mau-gosto, vou começar meu exercício de coragem, viver não é coragem, saber que se vive é a coragem – vou dizer que na minha fotografia eu via O Mistério

Clarice Lispector, em *A paixão segundo G. H.*